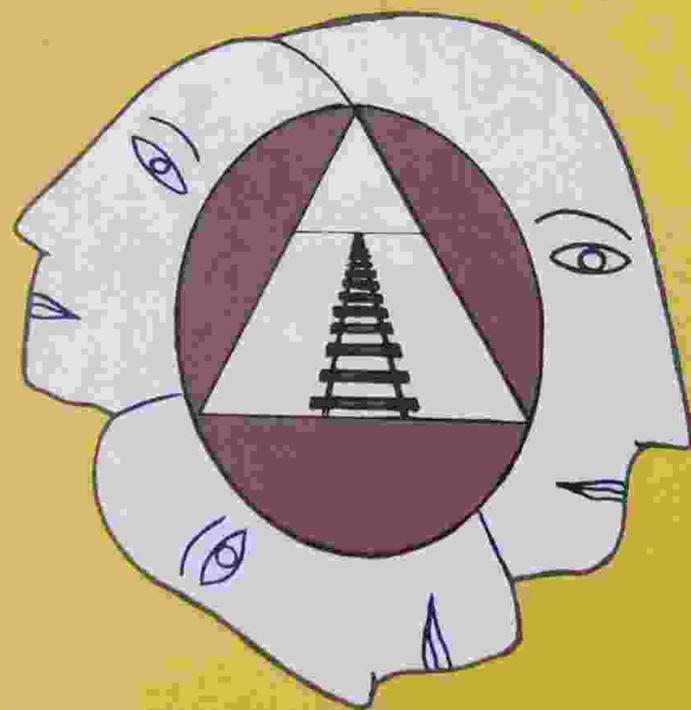


TU NÃO
TE MOVES
DE TI



hilda hilst

1.^a edição em março de 1980.

Copyright © 1980 Hilda Hilst

Capa de Mora Fuentes

Todos os direitos reservados
por HRM Editores Associados Ltda.
Nenhuma parte deste livro pode ser
reproduzida, sob qualquer forma, sem
prévia autorização do editor.

Composto pela Linoart Ltda.
Impresso na Gráfica Editora Bisordi Ltda.

Livraria Cultura Editora
Caixa Postal 22.144 — São Paulo

À memória de meus mortos

Avós Emília Vaz Cardoso

Domingos Vaz Cardoso

Maria do Carmo Ferraz de Almeida Prado

Eduardo Dubayelle Hilst

Pais Bedecilda Vaz Cardoso

Apolonio de Almeida Prado Hilst

Pra onde vão os trens meu pai? Para Mahal, Tamí, para Camirí, espaços no mapa, e depois o pai ria: também pra lugar algum meu filho, tu podes ir e ainda que se mova o trem tu não te moves de ti.

MATAMOROS
(da fantasia)

À Gisela Magalhães
irmã de toda a vida,
irmã da mesma perplexidade.

Paixão. Só dela cresce
o fôlego de um rumo.

(Lupe Cotrim Garaude. Obra
Consentida. Inéditos.)

Cheguei aqui nuns outubroos de um ano que não sei, não estava velha nem estou, talvez jamais ficarei porque faz-se há muito tempo nos adentros importante saber e sentimento. Amei de maneira escura porque pertença à Terra, Matamoros me sei desde menina, nome de luta que com prazer carrego e cuja origem longínqua desconheço, Matamoros talvez porque mato-me a mim mesma desde pequenina, não sei, toquei os meninos da aldeia, me tocavam, deitava-me nos ramos e era afagada por meninos tantos, o suor que era o deles se entranhava no meu, acariciávamo-nos junto às vacas, eu espremia os ubres, deleitávamo-nos em suor e leite e quando a mãe chamava o prazer se fazia violento e isso me encantava, desde sempre tudo toquei, só assim é que conheço o que vejo, tocava os morangos antes do vermelho, tocava-os depois gordo-escorridos, tocava-os com a língua também, mexia tudo muito, tanto, que a mãe chamou um homem para que fizesse rezas sobre mim, disse a mãe a ele que a menina sofria um tocar pegajoso, que os dedos afundavam-se em tudo o que viam e de mãos amarradas o homem grande me levou ao quarto, sim, amarrei a mão da menina para que não empreste sujidade à vossa santidade, a mãe dizia, para que não lhe tire o perfume espelhado da batina, me deitaram no catre e o homem disse à

mãe que sozinho comigo lhe deixasse e dessa vez fui largamente tocada, os dedos compridos inteiros se molhavam, ficou nu sobre mim, entornou-me de costas, eu sentia um divino molhado sobre as nádegas, gritava, o homem rugia à minha mãe do outro lado: não se importe senhora, são demônios azuis que se incorporam. Depois me tirou o barbante das mãozinhas me fazendo sugar o sumo santo e segurei um túrgido tão grande que os dedos à sua volta fechar-se não podiam, pude tocar demorada, os côncavos das mãos avermelharam, depois meus dedinhos inteiros penetraram na boca do homem e ele os chupava em gozo como se chupa o carnudo das uvas. Oito anos apenas me faziam a idade. Lembro-me contente dessa tarde porque havia ao redor o que encantava, a mãe quase ao lado, perigo tão grande, um homem sábio de perícia tanta, meu tocar à vontade. Por uns dias saciada larguei coisas e frutos nos seus próprios lugares, a casa estava em ordem, os arredores, a menina sonhava no seu quarto. Três dias e os demônios em mim outra vez, a mãe alarmou-se mas o homem mudara-se numa longa viagem. A menina ensinou aos meninos da aldeia a leveza do dedo nos profundos do meio, o machucado macio como dos pêssegos, aqui, a menina informava, toca-me aqui menino, como se esmigalhasses devagar uns morangos na boca, o dedo assim como se língua fora, toca-me lá dentro agora, procura, devagar como se procurasses a língua da serpente no medo da goela. Tocaram-me muitos, e muitos se alegraram da perícia e quentura destes dedos, Matamoros diziam é vermelho-ouro, palidez e sangue dos meninos da aldeia. Matamoros se soube duradera na carne do outro, como um gan-

cho que furasse, rica de lambeduras, magoante cadela, sei de mim a saliva, os dedos, horas alongadas revolvendo a terra, alisando minhocas que se tornavam duras, todas em forma de roda, depois toco as alamandas, não agüento o cetim das folhas tão amarelo quanto pode ser o negrume do inferno, aliso com cuidados e a folha ferida de cansaço escurece, uns fios se fazem com a cor das fezes, apesar da ternura. Ó menina, por que tocas em tudo como quem vai dissecar uma fundura? diz a mãe com a cara retorcida em agonia de choros, fujo, fera-menina escondida nos tocos, me pego, dedos do pé apertados, tão curtos, distendo-os puxando as pontas e com eles converso ó pequeninos dedos que aceitam todo o caminhar, nudos em humildade, que passeiam por pedras e nas águas se afundam, são dedos dos pés de Matamoros e se agitam conforme minha toda vontade, fiquem ao sol assim, digo eu, a metade de mim no vazio do toco, as canelas e os pés na alegria dos ares e assim que digo sinto que se aquecem de contentamento, e que lá de cima alguém me manda oferta de calor e sonho, reparo neste instante em mim de forma mais precisa, mais olhante, endureço as pernas como se fosse alcançar a novidade no debaixo das pedras, ato que permite que se faça em brilho um escurinho de pêlos espalhados na coxa, Matamoros esfrega suas penugens e adora descobrir que tem gramíneas pretas eriçadas, que é estranha como uns bichos que viu sobre a folha das mamonas, que peluda tanto assim não é, mas que começa a ser com semelhanças. Se volúpia me fiz na meninice, nem na adolescência descansava, teria sido melhor perecer do que levar às costas este mun-

do manchado de lembranças, teria sido graça não conhecer aquele que me fez conhecer, e de minha mãe Haiága, fez a desgraça. Torna-se muito penoso relatar como se deu a coisa, como fui tomada de um sentir nunca sentido, verdade que me aprazia sempre o tocar de qualquer, o tocar de muitos, o tocar sem nome, nem lhes via o rosto, era a destreza no tocar que me sabia a nardos ainda que aquele que tocasse desprendesse de si o cheiro de todos mal lavados, as narinas fechavam-se para tudo que me cortasse o sentir, se demasiado se faziam malcheirosos eu abria-me ao pé da água, encostada ao corpo do rio, e sem que o homem percebesse eu o lavava, primeiro as mãos na água, depois no costado do homem porque se faz nesse comprido da medula o mais intenso sentir, depois apalpava-o na semi-lua do ventre, molhava-lhe os pêlos vagarosa e antes de tocá-lo no mais fundo esfregava minhas mãos na minha cabeça, aquecia-as para que a água das palmas se fizesse em morridão, e depois sim tocava-o, singela e de rudeza mas com finuras de mulher educada, pois era assim que eu era, e se destruí algumas coisas com a polpa dos meus dedos, tinha cuidados e era desvelosa com o corpo da água, não sei o porque desses afins com coisa tão rorejante, eu que me soube sempre parda e pesada como a pele da terra, são mistérios, ganchos talvez de uma vida de antes, há cadeias e argolas que se enroscam tanto que os dedos do divino nem podem desfazê-las, há poderosos peixes que se matam nas redes, pois não é? Por que se desmancharia a cadeia de carne dos humanos, somos de tantas vidas que algum resíduo antigo se cola à nossa futura alma e é talvez por isso que me faz pena

e maravilha esse encorpado mole, desfazido, essa cor sem nome desse corpo da água, se machuquei-a um dia, já paguei, porque foi bem por ela, por gostar tanto, por ficar à beirada de um corredor de águas, numa tarde esquisita, muito rara, que conheci o homem que me deu luz à vida, mas também me deu sangue e ensanguentou Haiága. Era essa tarde rara como disse, alguém esteve comigo e já se fora, eu tinha as saias molhadas e através via a coxa se esticasse o tecido, pensava em nada, em Matamoros ali nada pensante numa tarde rara, aquietada olhava o engraçado desenho da minha saia, e só olhei para trás porque os cabelos na nuca se mexeram como se tocados por focinhos, me veio desconfiança de que a cadela Gravina, com esse nome porque vivia cheia, me seguira, virei-me para agradá-la, para vê-la, e ela não era, atrás, de pé, afastado de mim vinte passos ou mais, um homem, esguio como um santo de pedra que vi: as pernas tão compridas e tão fortes como o tronco mediano dos ipês, estava ali parado mas era como se à minha volta rodasse, sereno parecia mas se desse um passo meu corpo se faria um canteiro de flores devastado, de olhá-lo soube que a alma me tomaria, tomou-a, e de palavra pouca, tantas dentro de si onde não se dizia, era como se fosse o reverso do belo sem deixar de sê-lo, ao redor a tarde ficou imóvel, as árvores e as águas sem ruído, eu mesma parecia desenhada e não viva como estivera há pouco, e mais viva do que nunca é o que eu estava, toquei-me, não com os dedos de antes, toquei-me para ter a certeza de que não havia atravessado os limites do tempo, eu-mim-Matamoros levantou-se e enquanto levantava me di-

zia que melhor teria feito se deitada ficasse, porque devia haver no gesto raridade e no largado do andar era preciso encontrar simetria, e mesmo assim esticada e dura como se uns dragões de outrora estivessem à postos à sua frente, Matamoros andou, um andar quietoso, ficamos próximos, distância de dois rostos, medo e júbilo de ouvir se fazendo à volta das cinturas uma roda de fogo, afagou-me os braços no alto, na junção dos ombros, completou um triângulo de onde o meu vagido, e vértice de dois o gesto outra vez alargou-se descendo sobre as coxas, devagar meus joelhos se dobraram, dobrou-se, enfrentamo-nos cara a cara, as mandíbulas duras, aquilo tudo parecia a dança tosca e lenta de uma raça esquecida, vi paisagens na mente, torridez, vestes de linho trançado, panelões de barro, cães escuros e magros, bilhas, cuias, alvor de um sol mais branco do que o preto, história recuando na sua cara e lá dentro dos olhos desse homem, vi-me, e a ele também outro nos olhos, eu outra mas eu mesma, tão encorpada e alta, tão morena, um luzir de faces de nós dois feito de gordura, conto esta estória desta forma como se houvesse o tempo de horas para contá-la mas assim não era o que se passava entre mim e o homem, ele via também? Tento dizer que não havia um seguimento de paisagens, que não era como se eu visse uma e depois outra, esse seguir adiante não era, o que eu via era amplo e descabido para o entendimento, soube de antigos de mim, de um mover-me distante, de uma fúria na cara, fúria de orgulho quase santa, não havia luta explícita no que eu via mas no mover-se de todos um grosso ressentido, essas coisas na minha mente ou no de dentro dos olhos

desse homem, e fora onde estou um desenho arrumado, uma pintura de calma, ainda me sei e sou à frente desta cara? Que é preciso que eu respire agora, afogada que estou, úmida de lembranças, que o espírito perceba que eu morreria amplidões de vezes para voltar à minha tarde rara, tomada de paixão, de sentires sem nome, que sou neste momento o que era Haiága antes de vê-lo e quando simplesmente apenas minha mãe, Haiága velha, o pretume das saias nos joelhos, ralhante, feixe pela casa, muitas palavras parecendo sábias, muito carregante de limpezas, e na alma a secura misturada à volúpia e à vergonha, Matamoros e Haiága uma só antes não éramos, somo-os agora, ela morta, eu viva como se, mortas as duas ainda que eu pareça a vida desta Casa de mortos como dizem, então não me tocou depois, depois do de joelhos cara a cara, das visões, perguntou-me se eu morava longe e que o viver comigo numa mesma casa se faria no instante, que casa ele não tinha, na mente carregava arco-íris e cristais para uma casa tão viva como a vida, que nunca se saberia dentro dela porque as casas da mente, as soberbas moradas, não são feitas de argila nem as bases se assentam num espaço da Terra, enquanto caminhávamos descrevia umas muralhas altas, umas portas de sonho, nenhuma aldrava porque se nos fechamos conosco à procura de novos nomes para as coisas, amigos não teremos, que rodeando a casa a alguns passos da muralha encantada, um ribeiro, e nas margens um todo de glicínias para que Matamoros deslissasse comprida sobre as águas e tivesse como apoio o cetim das flores, calava uns espaços, parávamos, de cócoras, ele sorria um pouco,

os dentes de vidro pareciam, tão unidos, leitosos, a boca se mexia de maneira formosa e sei que o dedo atento desses estudiosos de fazer a imagem, não poderia fazê-la mais rigorosa, da suavidade e da doçura das avencas, que uns brancos porcos conviviriam conosco porque se faz preciso para o homem lembrar-se de si mesmo tal um porco lavado mas sempre um porco, então sorri de tais sabedorias e me contei tão tímida, procurei ser castiça de linguagem, sorri eu disse, de tanto espanto de me saber de anjos escolhida, disse que não, anjo não era, sorriu mais largo, e a língua se mostrava de papilas perfeitas, quero dizer que não se via manchada, róseo-vermelha essa língua, poente de corais, eu estava sim tomada, descrevê-lo me parece serviço de eruditos, dos que pernoitam cabeça nos papéis, os aflitos contornando as letras, que o dom de relatos tão sábios a mim não me foi dado, e pedia perdão ao mesmo tempo que falava, perdão eu disse, vivo sozinha com Haiága minha mãe, nem nunca aprendi nada, o que me vem à boca vem sempre aos borbotões, se pudesse te diria que um ardor constante se me faz no corpo mas de outro modo diria, queimaduras pungentes se não tenho um homem, tu me entendes? Que entendia. A cabeça moveu-se, o tempo se esticava agora, olhei o alto porque passou sobre nós uma nuvem de patos, então não caminháramos o tanto que pensei, ainda estamos na periferia de águas, mas quanto caminhei? Quando havia interesse, me falava, entre a alma de dois, entre dois corpos, podia anoitecer sobre os nossos contornos que não se percebia, que muitas coisas ainda haveríamos de calar e que nessa envoltura é que estaria o dizer, tocou-me os dentes,

alegrei-me de tê-los tão perfeitos, tinha os dedos doces, a melaço sabendo, dedos e dentes de nós dois, tocava como se pesquisasse, os meus, depois os dele, que muito se parecem, Matamoros ria, os dentes para morder o que tens escondido ele me disse, e rimos juntos porque nos veio a estória da menina e do lobo, lobo não sou, e nem és a menina do vermelho chapéu, Haiága é tua mãe, e mãe de Haiága não há, morta pois não, quando Haiága nasceu? Eu disse que sim estremecendo, como podia ter artes de adivinho, como? Não tinha, aqueles dizeres foram apenas expelidos por dizer, mas ficava satisfeito de saber das coisas antes de chegar à minha casa, às vezes sim adivinhava uns baços da lua, se a chuva chegaria, uns caminhos do vento, mas isso era nada, dom de muita gente, concluiu. De devoção me fiz. Ele, de pastoreio. Haiága, o entender no ar, evasiva de nós nos dias primeiros, amansou-se depois, a casa ficou clara, lavaram-se as madeiras, Haiága me auxiliava com tais contentamentos que de início pensei que era por mim, de ver a filha quase uma senhora, um homem cuidando dos campos, do rebanho, Matamoros na feitura de pães, no zelar das flores, a cadela Gravinna tendo nós três por pais, os dias com significados, quero dizer que se pensava no cuidar de tudo, e a palavra futuro se colou à casa, a varanda maior, não é Maria? e pedras mais polidas neste poço e pássaros que poderemos comprar, nas gaiolas de início, mais tarde em liberdade, que sim, que se afeiçoam e nunca mais se vão, são todos como gente, se tratamos com carícias e desvelos por que hão de tentar a imensidão, voar para onde não conhecem? Mudada minha mãe, a garganta de escolhidas palavras, o cabelo ti-

nha lustros de óleos esquisitos, banhava-se com folhas, com pétalas secas, grãos amassados resultavam num redondo de pasta, esfregava no corpo essas matérias, eu dizia Haiága minha mãe, não é que te tornaste bela? Não ralhava, ouvia-me, as mãos nas ancas, repassadas como se as quisesse aquecidas, e tu também, minha filha, verdade que um homem pode nos fazer a todos mais bonitos não é? Rimos, e a cadela Gravina se agitava, as patas dianteiras raspavam o ar como num devaneio, cheguei a dizer que os minutos desta vida eram felicidade, disse assim: que bom que as horas tenham seus minutos e os minutos segundos porque aqui se faz felicidade, não é mãe? Adentrou-se nos claros da janela, as mangas do tecido rosado iluminaram-lhe a cara, olhei-a, e não era mais velha, tinha a pele colada aos pomos do rosto, tinha um encanto, uma soberba no porte, e começou a cantar canção desconhecida, sem palavras, lamentos muito graves que de repente cresciam abrandados, uivo de ventos, melodia como para exprimir o alvor da madrugada e o canto dos galos que coisa o teu cantar, mãe, de onde vem?
do tempo, Maria, de gente minha e tua gente quem?
uns de conquista, outros de medo
e por que não cantaste nunca e só te vem o canto agora?
porque há alguém que nos cuida e te fez mudada a ti, também
porque as mães também mudam se o amor lhes vêm o amor?
claro, Maria, o meu amor por ti, agigantado, de te ver boa, sem o bulir de antes.

Era aquilo somente? Só por mim é que a feição adquirira realeza? Tornara-se rainha assim por caridade? Fiz as perguntas a mim, em seguida apaguei o perguntar porque me pareceu que não cabia à Matamoros indagações do mistério de ser mãe, mãe eu não era, ouvia sempre quando menina as conversas de muitas mães da aldeia, que uma escondeu seu filho num buraco de pedras, e escondida também ao lado dele envelheceu para que não o levassem as guerras, e outra muito pequena, de nome Marimora, prima de Haiága, mais longe de Heredera, que deixou seu filho nas ramagens um instante enquanto ia banhar-se e na volta teve o espanto de ver a três passos da criança um animal tão grande como o tigre, de muita semelhança, a pele com riscados, as patas redondas, num rugido o animal mostrou dentes de lança, e ela tão pequena atirou-se ao corpo da fera, também deu rugidos como se fosse a fêmea do animal maldito, lutou fêmea que era, o pequenino balançava-se rindo, de inconsciência gentil, lhe parecendo talvez que a mãe o mimava com uma cena de circo, e de cicatrizes tão fundas Marimora ao longo da vida escondeu a cara com o trançado das redes, espectro saído das águas, então isso das mães sim eu o sabia, e se Haiága era mãe, por sê-lo é que tornou-se tão outra eu meditava, embelezou-se para que a filha não sofresse a visão de Haiága velha, encheu-se de cantares porque convém dizer que também eu de muita beleza me fizera, andava pela casa Matamoros muito leve, muito de asa, um pequeno cansaço sabendo a descanso, cansaço amoroso pois que cada noite era noite de abraço, de mastigar e de lambar a carne, de cheiro gosma de casuarinas, o

escorrer vermelho, ferido, mas membrana de amora, eu fechava os olhos dizendo vida tão viva que me deu o Senhor antes de chegar ao portal do paraíso, e quando os abria era tão dor não ver o adorado, cuidava do rebanho além dos montes, levantava-se ainda madrugada

tenho pena, mãe, de sabê-lo sozinho quando se levanta.

sozinho? nunca. Eu mesma lhe preparo o alimento, queres dizer que te levantas ainda tão madrugada? levanto-me encantada porque os velhos não têm necessidade de um dormir prolongado

não és mais velha, Haiága

ainda que não mais pareça, velha sou.

Parecia severa quando disse a frase, como se estivesse de ressentimento, culpa não tenho, eu disse, que antes de mim tu tivesses nascido, e me parece que também tu gozaste alegria, tiveste um homem, o pai, ainda que pouco, e tens tido maior alegria na velhice, não é mãe?

alegria sim, maior que a tua.

mas o que é, Haiága, não pareces contente, falas no tom que falamos quando somos culpadas e culpada de quê?

Um olhar de lua atravessado de nuvens, um mais no fundo que eu não sabia, escuro de matagais, aparição pontuda, ouriço antes de ser mordido e um segundo antes de expelir espinhos amarelos, cravou-se coisa comprida em mim, Haiága tinha usado um ferir espinhudo para levantar a pedra, eu olhava lá dentro e ainda não via, insinuava-se um agitar de patas, uns golpeios, bafos nojosos, mas não via um expandir delineado, em torno de Haiága espadas com

donos como aquelas que atravessam os paços dos reis, em torno de Haiága um revolver de ondas e de nadas, lhe falcia brandura e até maternidade, olhava-me como se eu não fosse a filha, antes madrasta, antes, e isso eu não queria ousar mas de ousança me fiz e pensei: olhava-me como alguém que amava trigorosamente o que me pertencia, amava-o, depressa me veio o pensado e outra vez apaguei, devia ser coisa de mim, falsos acendimentos do espírito, ri apressada para desfazer os artifícios da fala mãe Haiága, perdoa se te agitei

Andou como a rainha até a varanda, nem me olhou, as mãos nas mangas enfiadas, tentei abraçá-la por trás, as mãos na cintura, encostei meus cabelos nas espáduas retas, empurrou-me altiva usando os cotovelos

larga-me menina

Tão triste que fiquei que um gemido partiu lá das funduras e foi milagre o ter-se escapado de mim tão estranho sonido porque Haiága arrebatou-me impulsiva como um homem, tinha os olhos tão ferida, a boca molhada de lágrimas, dizia guturais incompreensivas, que não, minha filha, não te ponhas assim de soledade, soluço, me dizia aos trancos, porque te fiz de mágoa, Matamoros rica de quentura, luzente de graça, tão pequenina lagartixa, que não era nada, que os velhos têm garganta gemedora mas que no mais das vezes é porque a vida esvai-se, por isso que nós os velhos gememos, cara partibular porque ao encontro do tempo, do limite, daqui a pouco Maria, estou com Deus cara a cara, ou com o outro, ria-se, pedia-me que risse também, não te ponhas assim toda espremida, te preparo teu leite, comes

o pão tão lindo que fizeste, e eu queria perguntar de alegrias maiores que não sei, mas Haiága não esmorecia no falar, de um lado a outra de louças, de discurso sobre a folgança dos velhos, de incríveis compotas de jambo que nos faria, de abío, de geléia de pétalas de rosa, Matamoros ainda quebradiça seguia o andar de Haiága com olhos de pergunta mas pensava que se perguntasse, o temporal de novo, e a lua atravessada de nuvens, e as espadas, e o ouriço e aquela coisa na pedra, invisível mas muito daninha, coisa que saberia mais um tempo, quando? A si mesma Matamoros prometia que nunca mais o dormir se o homem levantasse, zelo seria o dela e não o de Haiága, disse-o:

mãe, não é preciso mais que te levantes antes da madrugada

Emudeceu encostando-se à mesa, a pele tinha a alvura da pele moribunda, passou a língua nos lábios, no canto da boca a carne com tremuras, as mãos geladas tocaram-me

por quê, Maria?

para que não te canses

cansada ficarei de estar na cama

na tua idade as pessoas descansam

Disse para feri-la, para que lhe faltasse o ar, e ela como se adivinhasse deu respiros, curvou-se num tossir de ecos

me vem às vezes pensar que a montanha me faria bem, na velhice vai nos faltando o ar

pois há montanhas rodeando o universo, mãe

Disse e depois calei-me, um olho todo de fêmea me fiz, um alongado cárdeo de brilho amendoado, tive ciúme tamanho da possível ternura da velhice, como

Haiága deveria tocá-lo se o tocasse, examinei-lhe as mãos e surpreendi-me do afilado forte, dorso sem manchas, um claro de unhas, as mãos pendidas nem pareciam ter veias de tão lisas, olhando-as me detive nas ancas, que largas eram, que coisa desejável e espaçosa para um homem mover-se sobre elas, esfregar-se, contorná-las com aquelas grandes mãos que eram as mãos do meu homem, olhei minhas próprias ancas e vi pobreza, duras, estreitas, alta que sou, pensei, está bem que sejam como são, mas não estava de contentamento, alisei disfarçada meu encovado ventre, e de canto de olhos vi o de Haiága, um delicadíssimo redondo, curvatura de pequena maçã, pensei antes o meu porque toda a terra está cheia de velhas com seus ventres fofos, mas não estava de contentamento, de rancor o confronto, Haiága vencida se um homem nos colocasse à frente do desejo, ai santos meus, até onde vai indo o meu pensar, que nervoso de cobras tantas num buraco, que ruído de carapaças se batendo, que ferver de aranhas apossou-se de mim, agulhões de um pardo sofrimento, dessa cor que não se pode definir, pardas as vísceras, as veias, o desembestado coração, ganas de sacudi-la e espirrar meu veneno:

estás mais gorda, Haiága, te cresceu a barriga pensas? Me parece a de sempre. Vem, filha, vamos juntas adubar o limão bravo, as laranjas, e tudo isso faremos na manhã se agora mesmo te pões a caminho com tua mãe. O balde nas mãos para carregar o excremento das vacas, mesmo assim se via Haiága poderosa, sem o querer Matamoros andava atrás como se a mãe soubesse de uma trilha de bois, em tudo tão mais sábia, tão terra gordurosa, tão farta

e azulada de luz naquele caminhar, por que via Matamoros agora a mãe como se fosse de brilhoso de fada, como se fosse mulher de umas estórias que na aldeia se ouvia, mulheres muito de centelha, de fitas, de bordados, uma estrela na ponta de uma varra? Por que vê-la assim, de trigoça encantada? À beira da terra molhada de agriões, mulheres e homens lhe diziam bom dia, Haiága, em que formosura te espelhas? Como se te vê bela a cara, que lugar de saúde nos parece agora este lugar vendo-te a ti, não é que está tão bela que parece a Virgem às vésperas de parir? Chega-te aqui. Haiága punha-se de brasas, repetia que nada, que tolice, estão a ver apenas, se é que vêm, reflexos da formosura de minha filha, olhavam-me mas sem o viço das falas, a pequena Matamoros está bem mas valha-nos o Senhor se Haiága não parece a filha, e como vai o anjo lá da casa? É tão bom pastor que a colina lá adiante nos parece de neve, tirou dos carneiros o encarnado dos pêlos, aquele pó de terra, e vê-se a todos de branquidão, ele mesmo de prata entre os carneiros, ai como deve ser bom ter homem belo e de jeito para cuidar carneiros e mulheres, os homens punham-se a rir empurrando-as, elas gritavam larga-me Bosco larga-me José, pois é muito verdade que se vê as duas radiosas, Haiága muito mais que Maria, depois o tom das vozes decrescia, nos afastávamos não é que Haiága se faz de formosura mais ampla? só o amor é que nos faz bem à cara cala-te Antônia, se te ouve a filha mas não é maldade o que à cabeça me passa verdade que está rara não é mesmo, Bosco? e os peitos agrandados e

Fervente eu olhava o caminho, Haiága à frente não se voltava, os cabelos de tão pesados acompanhavam-lhe os passos, farto molho de cachos, transpirava tão grande que a raiz dos seios via-se molhada, a blusa de amarelos com ramagens parecia viva como se vê nos campos o capim orvalhado, Haiága, santos meus, tornara-se paisagem, de minha ira invejosa quis eu afastar-me

mãe, vou subir a colina para vê-lo
há de alegrar-se, vamos sim

digo que vou sozinha, tu retornas à casa

Subindo aquele atalho olhei-a depois de alguns passos, olhava-me também, então adeus gritou-me, muito clara a voz de fingimento, fingida Haiága, fui subindo pensando que se eu deitasse o ouvido àquele coração, não ouviria palavras tão sonantes, se fariam torpes, embuçadas, dizeres escuros de duvidosas interpretações, boca de velhice muito aguada, língua de galináceo, repulsivo gorjeio, meu peito magro cada vez mais afundava, que subida, que caminho de cabras, ponta de pedra no mais curvo do pé, parei para respirar, para afagar o machucado, e fui ouvindo como se viesse dos altos a canção de lamentos de Haiága quando se pôs nos claros da janela, a canção sem palavras, mas então, Senhora dos Angustiadados, não era minha mãe que cantava, pois ainda podia vê-la pingo de tinta amarela nos longes, e quem é? Devagar e curvada, animal de rapina comecei a escalar o pequeno monte, será que a mãe tem poderes de maga e pode estar no alto da colina e deixar-se contemplar no baixio do monte? Que demência, pensei de mim, se continuo maligna na cabeça termino por ouvir a voz do demo, mas é verdade que al-

guém canta numa voz grave, a melodia é a mesma, quem pode ser assim de nossa família sabedor de um canto há anos enterrado no coração da mãe, tão recente de luz o lamentoso canto e agora cantado tão bem noutra garganta? Deixei-me ficar parada no meio da subida, só podia ser ele quem cantava, nosso era o monte, e só o homem nos arredores pastor de carneiros, carneiros somente os nossos, cantador nenhum de sábias modulações, de espraiado tom, naquela aldeia nunca se ouvira tão bela voz, levanto minha cabeça, espio, está sentado na pedra, o sol à frente dele e à minha frente, está de costas para mim o adorado, diminue o canto e procura dos lados como se pressentisse uma presença, levanta-se e caminha ao encontro do sol, não sei se a muita claridade nas minhas pálpebras me faz vê-lo rodeado de luzes, pequeninas abelhas de diamante, ai que mercê, que dádiva enxergá-lo, era meu esse homem, o encantado se fazendo carne, meu nas noites e fervoroso tanto, vinho e leite me sabia seu corpo, sim, meu nas noites e encolho-me ferida porque penso: de Haiága nas madrugadas? Volto a levantar a cabeça, estou deitada de bruços, uma pedra me esconde, de soluços lá dentro muito surdos o peito se sacode, era verdade o que eu soube menina, dos velhos, desde que me sei por gente? Ouvi menina a frase que vou dizer agora mas nunca imaginei que pudesse guardá-la e não é que a guardei? Diziam: enganosa é a beleza e vã a formosura. E muito maldosas, poderia eu acrescentar e maldosos todos os que me fizeram ver um homem para mim tão novo, me querem em pedaços, em retalhos de sangue, me fazem possuir o nunca visto, a aparência mais do que gentil, o sabor

de um sem fim apetite, o cheiro de uma terra de maçãs e nêsporas, tudo para meu gozo, e depois dividir o meu pedaço todo precioso com a bruxa que me pariu? Me querem enlouquecida, a beleza de arcanjos apresentada à minha pobre figura num ouro de bandeja, um bocado para ti, Matamoros, outro bocado para tua velha mãe, de velha fez-se redonda adolescente, de velha rouca fez-se rouxinol, de feixe fez-se outra vez redonda, de pudores fez-se muito despudorada, de ralhante fez-se doce e deixou de ser mãe para tornar-se amante. Verdade devia ser o ninho pegajoso que eu pensava tão bem, as coisas não nos surgem à cabeça com a matéria de ventos, muitos fios e pêlos se juntando é que formam a casa de abutres, desses de asa negra, um todo emaranhado de corvos dentro do meu sangue, de castigo sim me queriam, de desgraça, desço rastejante, as pedras se enfiando na minha triste carne, o meu homem cantava a canção de Haiága, a velha deve tê-la cantado entre os lençóis, numa concupiscência de louvores, canto soprado lá no fundo do ouvido, e ele saboreou a enfeitiçada cantiga, canta com a mesma garganta, com a mesma língua me lambe, abraça-a com os mesmos braços dourados, deita-se sobre ela com as coxas poderosas, enfia a raridade de dureza naquele buraco de onde saí, mexe-se abaixa-se alteia-se e gritam abafados, juntos, e Matamoros dorme no seu quarto no corredor mais longe enquanto Haiága possui o que já está possuído, o que é dele minha carne, entro na mata para encontrar o riacho e lavar-me da grossa fumaça de pensamentos tão repugnantes, lavo-me, mas quem deveria lavar-se era o homem e ela, como podia o homem cansar-me horas inteiras

ocupando meu espaço, molhando-me encharcada, e depois levantar-se e ocupar potente o buraco de Haiá-ga? Como se tivesse o corpo de um rio, um patear chendo os buracos com seu corpo borbulhoso de encata, assim me parecia esse homem que eu tinha, e tinha-o também minha polpuda mãe, de compridas me pus ao chão e palavras me vieram tão de escuridade, pensei morrer, disse vou morrer sim, ficarão abraçados nos minutos primeiros, as caras tétricas, e muito soluçosos nessa noite de pios da minha morte, depois a alegria há de tomá-los, mas por pouco tempo porque meu espectro estará rondando casa e quarto, arrefecendo o instante de laldineza, entre os corpos dos dois estará Matamoros, nuvem gélida espalhando padecimento e perdição, não deixarei que sintam desnudez de nenhum, hão de tocar-se mas de espanto os dedos encolhidos saberão que tocaram o horrído vazío, matéria de ninguém, eu noutro espaço, de risos hei de preencher a casa, risos que hão de ouvir tão perto nos caminhos do ouvido e tão longe e nos altos como se viessem de torres, Haiága há de ficar toda cosida, sem falas, e eu da torre do alto e do fundo do ouvido, encorpada num branco etéreo e gelatinoso me farei sentida, emporcalhando intenções e canduras, ai sim, nunca mais se dirão sons de mel os dois velhacos, muito mais ela que o homem porque também pode ser que Haiága tenha usado poderes, os de erva, e pegajosas pomadas e até mesmo a cantiga deve ter sido feita de tons para abrandar e ao mesmo tempo unir distanciados e alheios corações, porque a mim também comoveu a cantiga, canção de poderes de

muitos plurais, para que um se encante, o outro se devore, o terceiro de langores desfaleça, o quarto se transforme em sedento brioso, assim por diante até chegar a paixão que pretendia Haiága, até chegar à ternura de mim, olhando-a como se a visse de fada, até chegar a esta minha hora, hora da morte de Matamoros na beirada da água, ah, então era assim? Pois enganava-se, morte minha esta multipontuada senhora mãe não verá, ficarei viva borbulha na sua incandescente superfície, nunca se verá a sós com ele em tranqüilidade e numa outra velhice, e se no instante se pensa feliz em moça nova, mais tarde velha há de arrepender-se de ter abocanhado mocidade quando esta lhe cabia à filha, porque sabemos que o castigo se fará àqueles que fizeram os outros padecentes de medo, medo como sinto nesta maldita manhã, ainda te vejo, manhã, há pouco pensava que não mais te veria, e muitas vezes te verei em outras, virei a este lugar com o companheiro, nós muito vivos e não me falta força para dizê-lo e aqui repito: nós muito vivos e Haiága morta. Pensar a morte da mãe me fez aliviada, há de morrer como todos e se desejei morte de mim por que me faria asco pensar morte de Haiága? Soturnos estes fios que nos ligam ao maternal umbigo, sofridos estes fios, tensos, agudos, o caminhar difícil sobre eles porque os pensamos quase sempre como lisos, que a palma dos pés há de tocá-los sem ferir-se, que neles caminharemos deslizando, pois não sois fios da nossa própria carne? Pesados fios penugentos é o que são, caroços espinhudos ponta a ponta, a mãe se vê a si mesma envelhecida quando a filha se vê desabrochada, medem-se as duas como duas lagartas,

uma se dizendo de sabedoria, de caldo grosso e aromado, e a outra passarinha exibindo plumas ofuscantes, plumas novinhas e pernas apressadas prontas para se abrirem e que se veja o fundo desejado, mãe e filha tormento sempre e muita solidão, e espadas, gumes o tempo inteiro se batendo, posso falar diz uma porque já sei a estrada e nela caminhei à noite e ao sol, pedra nenhuma te fará sombra e moradia, ora deixa-me olhar a estrada com os meus próprios olhos diz a outra, se não há pedra bondosa deixa-me olhar o vazio do lugar, se me vou ferir deixa-me senti-lo pois só aprendo se em mim se mostra o ferimento e talvez a ferida se enoje de mim, tantas palavras quando o outro só tem que caminhar onde todos caminham, que pedra me faz falta? que moradia tu pensas que preciso? olha-me o corpo, os peitos, pensas, mãe, que até o rei não gozaria de tomar os meus bicos à própria boca? E pensando no rei penso nos peitos da rainha Haiága, antes não se lhes via, havia peitos? Desde quando assim redondos, sacudindo-se quando Haiága anda, quando passeia, quando se abaixa não pendem, costurados tão fortemente ao tronco? Desde quando? Há cem dias talvez? Ai, santos meus, que fuja de mim o que pensei, que voe ventando para as altas ramas, que seja peixe e se afunde nos mares, que seja oleoso e escorregue colado aos abismos, que eu nunca mais veja pássaro peixe gordura, vai-te apressa-te, imagine só aquele ventre cheio, aquela cisterna apodrecida se encantando de água viva, de vagido, ai meu ventre, por que não estás estufado, por que te fazes oco e gemes tua víscera vazia? Não não Matamoros, a monstraciumenta, a sibilina serpente é que te faz pensar o

impossível, que bicho há de caber naquela velha barriga? Mas não é isso o que se vê, não é velha barriga, eu mesma vi a maçãzinha de carne, a delicada linha intumescida, metade do arco de um Cupido mínimo, muito linda, as mãos me tremem, o corpo está deitado mas bate-se espremido, e que barulho vem vindo pelo atalho? demônio que se fez do meu pensar? Cadela gigantesca é que virá, homem de cornos negros, ai quem? Apenas Simeona A Burra, mulher assim chamada porque está sempre montada a uma burra amarela, vendendo água aos andarilhos da mata

São Hosto, São Hila, nome de homem sem rosto, nome de centauro, que duas caras de fogo e ouro e de coice se grudaram à cara de Matamoros? E luta e dentes e deixa-me ver melhor, ai Reino de Deus, Reino dos Vazios, não é que se vê guisado de escorpiões e um verde de fagulhas, um sol choramingoso na tua pele da frente?

Sai, Simeona, das tuas águas e da pestilenta burra andamos todos fartos, que seque os todos esses piolhentos da mata e que se feche a tua boca

E por que menina? Que mal sem nome te fez a água, a jumenta, e pobres homens sem casa, e palavra minha mirrada?

Quero morrer, Simeona, melhor morrer do que saber o coração crivado de vespas, que jubilança me cabe se um sem fim de paixões me fazem as tripas espremidas? Mas te corto em pedaços, te esfaqueio se contas a alguém que me encontraste assim

E contaria a quem? Fazem tão pouco de mim desde o dia em que disse que um grande sangue numa casa da aldeia mancharia no eterno as almas desta terra,

disse e continuo a dizer o mesmo, ainda que a cera amontoada no ouvido desses muito fedidos cresça amarela e endureça pescoços e cabeças, e queres saber mais? Engole teu segredo antes que morram de sede esses que não conheço, me vou.

Ai, Simeona, espera, ai ai ai Me cresciam os gemidos para que a pena se alojasse no peito da velha, tinha fama de sábia e curadora, as frangas moribundas renasciam se Simeona as encostasse na sua magra barriga, as vacas se deitavam de muito leite inchadas se Simeona as afagava, e um minuto antes eram pele seca aquelas tetas, na sarna dos bezerros ela fazia cruces num punhado de cinzas e horas depois as feridas recobriam-se de pele nova e pêlos, Simeona tinha fama de vagar no alto céu da morte, conversar com esses de espuma, com anjos, até com sapos e galos desencarnados, com cavalos de vidro, de palavra-relincho ela dizia, subia-lhes montada na treva da floresta, amigos cavalos sapos galos ela chamava com voz fina de rosa, com pequeninos uivos, com voz de curiango, e relinchos cacarejos coaxares enchiam de repente os ares, sabe-se que Simeona atravessou o rio numa barcaça de penas, pombas encarnadas carregaram-na para comer abíos, os muito amarelos de uma única árvore do outro lado-rio, era muito prodigiosa de milagres, muito amada, até que fez a profecia negra — sangue numa casa da aldeia sujando para sempre as mãos da nossa gente — então puseram-se todos de boca costurada, ela chegava e calavam-se, ela se ia e gritavam-lhe: tira-nos a maldição Burra Simeona, ou hás de passar por nós asa de mosca, ainda menos, porque do teu roçar a gente nem se importa, e Simeona se ia repetindo:

maldição foi verdade que ouvi de boca santa e não
reviro verdade de pedra preta em pilriteiros brancos.
se continuas a gemer assim toda aldeia há de vir.

então fica ao meu lado e passa-me a mão no corpo e
atira-me a raiva à água.

e tens raiva de que, de quem? deixa-me ver, ai san-
tos mortos, me vêm de ti umas emanações vermelho-
nas, cor de crista de um galo que eu tive, pimentões
de uma terra de púrpura, plantei-os verde e nasceram
inchados de vermelho, te mordes de ciúme de quem?
do companheiro

deixa-me ver, dizia Simeona, espalhando a terra e
deixando-a lisa, lisa pele de lago, Mãe do Senhor,
é belo como o corpo de Deus, maravilha rara, que
perfume na terra me vem desta cara, que altura tão
medida, que cabeça de linha coroada, que olhos de
pedra escura de ágata, que pele cor sem nome como
se misturasses o café ao bronze, escuta-me Maria, é
homem-anjo, nem deves tocá-lo

anjo nenhum, é carne pura de homem, anda logo e
retira-me o ciúme

com esta boca três mil vezes bendita te digo que é
beleza excessiva para tomares posse, que não de
amá-lo todas as mulheres porque não é homem de
carne, é pensamento-corpo sonhado por um homem
de outras terras, homem que deseja formosura de
alma porque tem vida de penumbra e tediosa, ai
Maria, vives com alguém feito de matéria nova, com
alguém que existe dentro de uma cabeça que tem
fome de muita beleza, cabeça que se ocuparia das
letras, que não pôde usá-las por fraqueza, deveria
ter sido um cantador, entendes, e não pôde cumprir
destino coroado, vives com a alma pensada de outro

homem, e tem nome esse com que vives, esse sonho de outro, pois aquele que sonha esse teu incarnado deu-lhe um nome
dei-lhe o nome de Meu
não é o nome que tem
nem nunca eu quis saber o nome antigo, despacha-te, que nome? E um grande riso acompanhou-me a fala. que o riso te fique na boca, pequena Matamoros, pobrezinha, que rias sempre é o que eu muito desejo, que te esforces para isso, pequenina, porque nunca meu espelho de terra espelhou uma trança de pêlos de tantas e tamanhas contorsões, sei que se pode construir fantasmas de vento, de saliva, de nuvem até, mas não conhecia o poder de transformar o pensamento em grande maravilha, pobre homem que vive tão triste e isolado.

quem?

o homem que criou teu anjo-companheiro
anjo nenhum, Simeona, já te disse que tem carne de homem,
e eu repito que não, e mais te digo: o nome que lhe deu esse pobre-rico-coitado é nome longe de nós, sílaba martelada e depois nome de Deus, TADEUS, chamou-o assim porque desse nome tem nome parecido, quer a vida que o teu anjo tem, sonha com liberdades, com terras, animais, é mais raiz de planta do que carne, liberdade de funduras é o que o outro pretende sem poder, vive uma vida de enganos, cercado de poeiras da matéria, tem mulher enfeitada de vidrilhos brilhantes, tem um lago na casa, lago de águas tão estranho porque a margem não se vê de capins, é uma coisa de pedra muito lisa o que contorna a margem, a vida desse outro é toda como se fosse pintada, enten-

des? Não é matéria viva. E tanto deseja viver vida de nossa gente, tanto lá por dentro a nós se assemelha que deu forma pulsante e muito ilícita, (porque poderes assim só os tem Deus) deu forma, Maria, ao que sempre viveu no informe, no desejo. Pecaminosa maravilha isso de dar ao moloso do pensamento forma dura, são tristes horas as que rodeiam esse homem, tem moimentos, entendes? prostrações muito languinhentas, vive como se andasse na fumaça do sono, caminha como se o passo afundasse em ventania de lama se o vento na lama ventasse, quer escapar do gomoso mas tem dentro de si mucilagem de planta, tem froxuras na cabeça e no corpo, os pés desejam a ponta das estrelas mas obriga-se a mexer com papéis, preteja pergaminhos brancos com sinais de números, pensa em moedas e as tem nos bolsos mas atira-as com agrestidade como se ouro não fossem, tem casa e cama de importância, vejo tudo aqui no meu espelho de terra que nunca me apresenta cara de momice, pois que se apresentasse viria dos meus dedos um esbrasio muito fulminante, dedo de Simeona pode furar a terra se a terra mostra mogorim em vez de rosa preta, se mostra cara murchante em vez de querubim. Tadeus, teu homem, não tem vida de si, compreendes? é vida desse outro, muito embelezada, assim Maria: como se desejando ser ganso tu tomasse do ganso apenas o grasnado e depois recobrisses o som do ganso com corpo de cavalo, mugido fundo de boi com pluma de garça, miado quente de gato com o encorpado da vaca, força que vem do sangue cinza da alma ele transforma em carne, por isso teu homem existe com enorme estranheza, com fulgores na cara quase dissolutos, segura um pouco a tua cabeça e

pensa na força que deve ter o desejo de água numa boca seca, tão grande, tão colosso que uma fonte de pedra nasceria do osso, o instante todo vira fonte viva, fazes um rio do corpo, ai Maria, penso que é tua a casa onde sangue se via, mulher e cadela há de morrer e parir.

cala-te puta estufada e velha

molestosa a verdade, Matamoros, mas nascida nos sarçais da terra, cilhada com correntes de fogo, que Simeona seja incendiada e a boca negra nunca mais apresente palavra se é para te pôr medo que escarro estes negrumes, tens que largar o homem, varrê-lo da casa e da cabeça, é sombra encorpada, é vento de carne, é nada feito homem, no instante em que digo estas palavras ele já é semente, já é larva no coração de outras mulheres

(Pensei semente sim no coração de Haiága)

larva muito perfurante no coração de todas de quem?

todas que o enxergam, Maria, hão de querê-lo bem. de querência fraterna não me importo

e quem há de ser fraterno com o corpo de um deus?

Amansei minha palavra e disse bem-querer porque sei que se dissesse o justo te porias brigosa

podes dizê-lo, Burra, porque é palha o que sai de carcomida boca

adorança, Maria, hão de adorá-lo em pecado, hão de sonhá-lo tanto que os lençóis ficarão tingidos dessa gosma de nós, nas manhãs teus olhos hão de ver muitos lençóis lavados porque terão medo do sentir da mancha no corpo dos maridos, sonhado muitas noites há de ser, e quanto mais sonhado, Matamoros,

teu anjo Tadeus mais vivo, e o outro de nome parecido fica assim mais paciente ainda que infeliz.

Gritei-lhe então Tudo que ouço só pode ser da Burra parvoice, falação de mula, que graúdo espetáculo tu pensas que me dás como se eu fosse platéia dementada, os ricos abestados da cidade olhando anões de guizo, aparvalhado olhar temente de demônios, Burra Burrice, como há de ser sombra o meu homem se lhe sinto a carne, se a cada noite me cobre de dureza muito valorosa e enche-me o buraco de visgo muito farto, cravo-lhe minhas unhas nos costados, no ombro cravo-lhe os dentes e até lhe sinto o osso, pesa-me muito o seu corpo porque esqueleto não tem de pouquidade, tem osso largo e pesado, dentes língua, molha-me toda a cara com serpejante saliva

te repito que o sonho muito almejado de um, deu corpança grandosa e inflamentos ao que vivia na terra de nenhum

Burra, como pode virar carne um corpo de vento? como pode esta terra — e um punhado terroso esfreguei-lhe na cara — virar corpo? ilusões escumosas da tua pobre cabeça e queres mais? Pretendes te fazer um saco de milagres e tudo o que fizeste milagrento foi amansar cocceiras e esquentar frangas friorentas, ora senhora Simeona, se fosse sonho de alguém o companheiro, porque eu o veria como se o sonho fosse o meu? Pois assim que o vi soube que havíamos vivido outra vida de antigas escolhenças, vi um deserto e me vi ao lado dele, vi cachorros e bilhas, vi

porque é sonho de outro feito de perfeição viste nele o teu próprio sonhado, e todas hão de vê-lo matéria do que sonham, amolda-se conforme desejo de qual-

quer, não é de carne, e repito não é, repito ainda que tu me mostres dele o sangue derramado, aviso-te Maria, toma para ti vida que te é mais pertencente, porque o outro de nome parecido, vive dos vícios de Tadeus e de ti

chama-se Meu, e meu há de sê-lo sempre, e que deus enorme é esse que faz do próprio sonho um corpo que caminha? Seria rei do mundo, e mesmo nestes confins o saberíamos

rei não sei, mas o mais nós o soubemos, Maria da tua boca? de ti? de Simeona louca?

não fale da loucura com boca adolescente e boba, tu é que pensas os loucos à tua maneira, à maneira de todos, coragem é o que nasce no fundo do que somos, loucos porque muito longe, lá no bulbo da coisa já sabemos se o que vem há de ter ligeireza de rato, canino de roedor, visão de olhos muito valiosa ou cegueira do pó que caminha conforme o vento manda, loucos Maria, são os poucos que lutam corpo a corpo com o Grande Louco lá de cima, irmão de muita valorosidade e de peito vingante, às vezes tem sisudezas de aparência mas cavando no fundo é caldo doce, às vezes sentindo-se cavado recolhe-se e tropeja antes de começar luta de coice. Já lhe vi a plumagem num dia de cegueira para as coisas da terra, é três vezes águia, é um ser movente que transforma o aéreo em coisa vortícosa, tem arco-íris nas penas e parece barçaça porque as asas não adejam, deslizam naquele vértice, se pensas que é só pássaro e preparas o olhar para as alturas, investe sobre a terra e afunda-se como se fora semente lançada por dedos de ferro, um buraco se agiganta e cresce-lhe nos abismos uns cristais de pedra, à tona vão subindo até

tomarem forma de montanha, se pensas que é só pedra e preparas o olhar para a excrescência volumosa e endureces o passo para montar ao alto, desmancha-se num fogo muito corrosivo, branco de lua mas fervente, as queimadas da mata te pareceriam na pele o rocío se comparasses o fogo dos homens com o fogo desse Louco, muitas vezes perguntei-lhe com voz de fantasma e outras vezes com voz de garganta jubosa se pretendia com tais demonstrações me fazer pungitiva e muito arrependida de minhas velhacarias portentosas, e sabes o que me respondeu? Simeona, apenas tomo de ti o que me pertenceu, o que tu pensas ser do corpo esquálida matéria, em mim esqualidez de Burra se faz força. Por isso, Maria, neste instante, por ligaduras de afeto, por me chamares de louca, tornando-me por palavra tua muito aparentada com o Senhor que é asa, fogo, montanha de pedra, trocando-nos a boca, boca do Senhor na minha e boca de Simeona lá por cima, faço-te o enorme presente deste aviso: ama somente o que te é parecido, não grudes à tua carne a espuma do pensamento de outro homem, liga-te a um dos nossos, não engulas a pérola, se um punhado engulires de castiça qualidade, punhado ou uma, ainda assim na manhã uma a uma, pelo buraco de trás sairão todas.

Em mim o silêncio foi ganhando idade, em Simeona a palavra foi crescendo, em mim o silêncio de tão velho não falava, corcova, brancuras de barba, encolhendo encolhendo, ouvia do silêncio uns assovios de boca murcha repetindo uns rosários, palavras-fantasia destacavam-se: mormaria, pedaços feitos de morte e de meu nome, amormór, de morte ainda e de pesado amor, loucocim, pedaço feito de cima e intei-

ro de louco, tarDeus, de tarde avançando no de cima,
poncartor, ponte de carne subindo na torre, e ou-
tras vindas da terra de ninguém, balbucios mela-
dos, rouquidão de águas gotejando um telhado, sus-
piros arrulhentos, e lá no fim agora voz de garganta
de Burra conversando com a mula: bicho de mim,
sacrossanto bicho de peludosa montaria, vamo-nos
porque a pequena Matamoros afundou-se no sono,
assim é que está bem, e que esse que tem corpo de
um deus também vá-se embora e entre novamente no
sem forma do pensamento, e que aquela cabeça que
pensa Tadeus pense em si mesma e procure a verdade
junto aos seus. Levantei-me amornada, bocejei, olhei
as ramas altas, que dia de tanta luz lustrando os ver-
des, que calor na cara, que claridade se me faz na
víscera, que quentura saborosa de barriga antes es-
cura, chilreios no de dentro no de fora, olhei as
águas, que escorrer veludoso de meia-luz, esse cla-
rofosco do veludo e do rio, que som dourante nos
ouvidos, ai que dia, disse com voz de lentidão, com
muitas modulações, dia para correr nos caminhos,
os pés pisando a carne das flores, dia para enfei-
tar-me e esperar o homem, dia para beijar a boca aro-
mada de Meu, boca de muita realidade, e um riso
remansoso de alegria subiu às árvores, agigantou-se
de ecos, como podia ser de pensamento aquela boca,
como podia ser de vento o espelhado dos dentes,
como podia se fazer do nada aquela língua de homem,
preciosa, que sempre na minha boca aberta se metia?
E que cantasse o quisesse a boca do meu homem,
paraíso de carne, canção de Haiága ou de qualquer
era bela a canção, que o meu homem vivesse junto a
mim é o que eu pedia aos céus, esvaziada que me

sentia do dilaceramento ciumento, e por quê? Será que Simeona me vendo tão desfalecente como antes me viu, se fez invencioneira de enorme potoquice para que eu da minha própria vida tão feliz tomasse conhecimento, me soubesse cativa e me alegrasse? pois só podia ser esse o resultado de tanta invencioneice, pois é como se contasses a alguém que te dói muito o dente e à tua dor de dente o ouvinte acrescentasse dores de pés de pernas e cabeça, mas não, mas não tu dirias, só me dói o dente, e em tanta discussão até da tua dor de dente esquecerias porque a verdade é que nada além do dente te doía. Pintou-me tudo tão de pretume cruento aquela Burra que os meus padecimentos me parecem agora angelitude, pequeno estrago de cabelos cortados que depois crescerão, coisa de nada, e não rombura fatal na minha própria asa, que isso sim é que seria desgraça se acontecesse no meu corpo de anjo, pois de rombo na asa o caminho do céu me seria vedado. Por bondade ou burrice fico muito grata à Simeona, pensando agora que nem o nome da mãe ela me disse, nem uma só vez pronunciou Haiága, e se adentrasse em mim, se soubesse realmente o que me machucava, o começante, o abespinhadiço da estória seria o nome de Haiága. Colhi ramas floridas e pitangas, salvei de morte certa pelado passarinho, filhote despencado de uma árvore de flores amarelas, subi ao tronco e coloquei-o novo no seu ninho, demorei-me no atalho de formigas e ajudei uma gorda ruivosa a carregar sua folha segurando de leve a ponta esverdeada, aí, deve ter pensado a pobrezinha que por um tempo a folha fez-se leve, e não continuei muito tempo a ajudá-la porque pensei quanto mais leve agora, de-

pois no seguir do caminho e sem mim, ai, muito mais pesada. Senti-me viva e generosa e boa, quase sacramentada, quase santa, que me importa a mim a sardia metamorfose da mãe? É bem melhor vê-la cantante, redonda, tão amiga, do que aturá-la crispada e desinquieta e até feia como antes era. E que gastura de nervos o pensá-la cheia, como poderia? Seria preciso que o cinismo e a maldade nascessem novamente muito chamejantes, muito recriados na mão daquele muito Louco de quem Simeona se diz aparentada, para que a minha tola suspeita se fizesse verdade. Seria preciso uma nova crueldade nascida dos elementais negrejantes de todo um campo santo para ferir assim tão fundo essa que tenho sido, essa que sou, muita solicitude me parece que tenho, muitas discricões e humildade, pois qualquer uma que tivesse a graça de ver o meu homem e dele receber convidoso cuidado e ter a cada dia o dele rosto seráfico a beijar-lhe a cara, muito caroçuda de orgulho se faria, muito putíssima até, sinto que uma outra não eu que recebesse tanta garrulice do céu, aos gritos se poria de contentamento, e a toda gente seu homem exhibiria com cara desbragada, com requebros, com desdém de outros homens, e de certa maneira essa outra-eu teria consigo muito de verdade, porque é certo que qualquer homem ao lado de Meu só me faz rir a gosto, ramalhudos esqueletos é o que parecem todos, tardos fetos, erro grandoso de Deus, por exemplo se tomamos de Antônia o marido, esse de nome Bosco, coitadinho, é cicio pequeno à beira da cascata, é gota amarela no mar sem medida do anjo lá de casa, é coceira na montanha farta de aroeira, é letra consoante sozinha no discurso do rei, e

agora rio tanto porque me vem asnalhices tamanhas, quero dizer que todos, marido de Antônia, de Lourença, Guilhermina, Emerenciana, Josefa, de todas, são vergonçosos peidos de galinha, verrugas mínimas dentro da verruguice inteira, cisco no lixo, verme no poço infinito que é o corpo de Meu, e nada, nem verme nem cisco fariam das águas ou do lixo outra coisa que não fosse o já dito, quero dizer que minhocaços ou poeira não fariam melhores ou piores as águas e esterqueiras. E coitadinha de Haiága que de repente se vê com serafim lá em casa trazido pela filha, a mesma que com todos os meninos-verrugui-nhas, ciscos-verme se deitava, a mesma Matamoros mexediça e de quem ninguém nada esperava, eu filha se fosse Haiága, dura cairia como se fosse a jaca de jaqueira num dia de ventania, e até que nem faz nada a mãe coitada, faz-se de graça, de beleza, é coisa muito louvável na saúde da fêmea o querer mostrar-se ainda apetitosa, eu Matamoros se a mãe Haiága trouxesse à casa um tão esquisito tesouro de carne, lutaria até os dentes para ter o seu corpo e adorá-lo, que mulher não faria? E até que nem faz nada a mãe coitada, quarenta anos pesados que se levantam na madrugada para dar alimento ao homem de uma filha tão sempre irrefletude, deve ganhar apenas privança de um sorriso, pois nós sabemos que delicado ele se mostra sempre, até com a cadela da casa, que Gravina também recebe afagos e sorrisos e gosta tanto de Meu que probrezinha tem solturas de urina quando ele encosta as mãos na barriguinha de manchas, e então se a cadela Gravina se molha de santa alegria porque os humanos até mesmo não se molhariam? E numa desvairança de alegria, descendo o caminho

da mata, as flores encostadas à minha carne, as pitangas pesando no côncavo da saia encontro Biona e Rufina de Deus, duas irmãs grandalhonas, tão grandes, tão tamancudas, que só Deus mesmo é quem poderia fazer gente tão forte apesar de que as duas nunca me pareceram de alma boa, tamanho estardalhaço faziam sempre que se as via, uma festa muito fingidona é o que me parecia quando saudavam, quando riam, e uns passos depois grudavam-se uma à outra, aos cochichos e risinhos muito desagradados no meu entender porque os que foram saudados respondiam com a delicadeza da verdade, com riso contente, pois só de vê-las o lutuoso parecia engraçado, de preto se vestiam desde que nasci, irmão chorado, matado numas guerras de selvageria, coisa dos homens que são donos da Terra, os íntimos do rei ou de quem seja de nome equivalente a essa autoridade, então pararam quando me viram a mim, os braços escuros muito abertos

Salve a menina Maria

Que cara espirrada de alegria

Igualzinha à cara que eu teria se um anjo descesse à minha cama

Como desceu à tua, Maria. De onde é que vem?

Eu disse que vinha do riacho, da mata, e de colher flores para florir a casa.

Isso estamos a ver, mas perguntamos de que terra é que vem o homem que encontraste.

Meu?

Assim é que se chama? Pois então não te ofendes se te perguntamos como vai o Meu?

Disse que não me ofendia, que podia ser Meu na boca de toda gente mas que só na minha o gosto

daquela boca

Olha, Rufina, como se fez mulher altiva a de antes
menina

Que vivia amoitada nos raizedos escuros

Os dedos de todos no meio da pombinha

Um pirulito de carne sempre à boca

A perna arreganhada onde até o mico se metia

Então larguei as ramas e as pitangas e fulva me agachei raspando o chão, atirei-lhes punhados de terra e chorei alagada, muito, tanto como se fosse entregar a alma ao Soberano, deixei que as duas vaconas se afastassem para que eu sozinha pudesse gritar meu nome e meu recado alto, assim, aos ouvidos de Deus, gritei rouquenha: sou eu, Santíssimo, Maria Matoros, mulher a quem tu colocaste a beleza ao colo, não para que fosse essa beleza gozada por Maria mas que fosse Maria de tal maneira invejada que essa beleza-homem que à Maria foi dada, de inveja tamanha, do colo lhe escaparia, sou eu, Santíssimo, a quem tu deste a mãe Haiága, mãe de início e pesada como todas as mães e a quem na tua loucura transformaste numa rainha clara esquecida da filha, eu, esquecida de todos por mim mesma, mas lembrada pelo que a cada noite me vem à cama, à casa, lembrada apenas porque a beleza-homem me pertence, porque se deita comigo e me beija e no instante em que se deita sei-o por todas beijado, antes da Burra me dizer já eu o sabia, sentia-o, Santíssimo, sinto agulhas na pele quando sou olhada pelas cadelas-mulheres, ainda quando todas se detém mais em Haiága, no fundo de si mesmas sabem que exaltando Haiága ferem-me a mim, e por que, te pergunto, Soberano, por que justamente a mim que nada desejava, é que

foi dado uma cópia de ti? verdade que a beleza ou o que Matamoros pensava que assim se chamasse me vinha às vezes à cabeça numa imagem esfumada, quando nas noites nenhum homem havia, Matamoros deitava-se, as pernas separadas, as mãos em concha lá no escuro da fome, e sonhava uma cara, alguém, e nessa construção de cara muito me demorava, um ovalado de face, umas sombras pinceladas de um pequeno azul no debaixo dos olhos, estava assim cansada essa cara de tanto amor por mim, ia aos poucos construindo-lhe a boca, mas nunca consegui um profundo perfeito, depois a mão agora esticada se apresentava e Matamoros a essa cara imperfeita acrescentava um corpo, que dificultoso exercício, Soberano, esse de gozar contente partindo apenas de uma idéia confusa que nos vem à mente, então muitas vezes pensei que tu, condoído das minhas noites sem ninguém, um dia sim o presente de um homem bom e forte, mas nunca imaginei que um sol com o frescor da lua sobre mim se corporificasse, ousei nunca, Santíssimo, imaginar o homem que me deste, nem dessa qualidade de beleza eu suspeitava, então por que, se não ousei pensá-la, por que ma ofertaste? Tão separada me vejo do Divino, tão separada porque se fosse bondoso o lá de cima sei que não me daria contento e espinho num apenas momento, te vejo agora, Soberano, com a loucura pequena das crianças que roubam de repente o pássaro ao ninho só para ver o que sente o pequenino, não te vejo com a loucura de fogo com que a Burra te vê, te vejo castigando mesquinho uma sem importância como eu, uma Maria de nada que nem sabia que a Beleza falava, sorria, e nem sonhava possuí-la, apenas tinha

encantos no imaginá-la mas nem tanto, será que te ofendi não pensando como podia ser a Beleza perfeita se viesse de ti? E por que viria de ti para mim um presente de carne quando se sabe e se diz que tu presenteias ao revés, quero dizer que se sabe e se diz que tu dás a fome a quem sofre de gula, dás a ferida na carne a quem cuida do corpo, amorteces a língua daquele que tem prazer na fala, e que assim te parece certo esse fazer para fortalecer-lhes a alma, então por que para mim um adequado presente? presente bom no entender de um pai mas não de Deus, presente que me fez tão feliz porque era justamente um homem-maravilha que me contentaria, então me deste, e ao mesmo tempo uma cinta de couro estrangulando-me a alma, de corpo e presença lá em casa o teu presente, e também o pensamento obscuro de todas na minha casa? E por que não pensaste um monumento de carne fincado numa rua da aldeia? Todas se contentariam e de ninguém seria um homem vindo de ti e plantado numa rua, e quieto e de soturnice, e de dureza de sexo desde o nascer do sol até o sumir da lua. Santíssimo, te falo desse modo porque a humana cabeça tão pequena não compreende loucura agigantada, me vem um outro pensar quando em ti penso, que nós os daqui imaginamos tua vontade se intrometendo no decorrer dos nossos dias mas que pensar assim é pensar longe da verdade, que passeias entre nós por acaso como nós mesmos passeamos num atalho e sem querer machucamos as formigas e muito distraídos muitas vezes arrancamos uma pequena planta ou plantamos outra, um fruto mastigamos e outro esquecido apodrece lá mesmo onde cresceu, junto ao seu ramo, destinos

muito distanciados de nós mesmos no entanto tão ligados porque movemos braços e pernas, porque nos deu vontade de andar por ali e tocar e mexer e meter um fruto à boca, o mais próximo da nossa mão que está colada ao braço e que coitada não sabe do pensamento de frutos e de plantas, me vem esse pensar, que tu andas por aqui nuns enormes passeios, e o que tu pensas andando, num instante se corporifica e fica por ali no lugar onde a coisa pensaste, deves ter um punhado muito agitado de idéias na cabeça, por isso quem sabe Meu se fez presente lá perto do lago onde eu estava, Meu pode ter vindo quem sabe da tua cabeça mas nunca me sonhaste companheira de um resíduo da tua santidade, pois pode ser, tudo pode ser pois que não sei de nada, e assim pensando me vejo agora frente à casa, olhos inchados, o colo vazio de flores e pitangas, triste mas mais aquietada, mais calma, como te demoraste diz Haiága, o dia se faz tarde e Meu?

Me veio não subir a colina, de cansaço descí ao meio, e encontrei Simeona na beirada da mata

E ela te assustou com as burrices que fala

E Biona e Rufina de Deus, também as encontrei

E o que foi que disseram as duas ossudas de língua malvada? Olha-me.

Então abracei-a nuns soluços altos, Haiága Haiága mãe, vou morrer de pura e de cansante mágoa, nesta terra não há felicidade, sei que não fui boa quando ainda menina, nem depois e nem o sou agora mas tenho no de dentro tanto amor por esse homem benedito que chegou à casa, se o tomam de mim anoiteço como a noite de sempre no comprido poço, hei de ser eternamente meia-noite, buraco no fim de uma

pedra num confim de abismo, e deslizei colada ao seu corpo, corpo de mãe querido
aquieta-te, pois quem o tomaria?
todas, nesta fria terra as noites são compridas e alguém virá um dia
ninguém virá, ninguém mais dentro desta casa a não ser mãe e filha

Endureceu e apertou-me a cara obrigando-me a olhar seus olhos muito abertos e os meus de água não queriam ver os olhos de luta de Haiága, nem os ouvidos queriam ouvir o que dizia a boca, dizia: é homem desta casa, Maria, e só há de pertencer a nós duas, fez uma pausa, riu, e antes que eu pudesse dizer mãe, é homem meu, me disse branda: o homem de minha filha é filho meu. O corpo de Matamoros, meu pobre corpo, pedia uma presença gasalhosa, Haiága me deu vinho, olhei-a um instante através do vermelho, queria muito e por tudo acreditar que a mãe estava ali só para me fazer acarinhada de leal maternidade, contente ela me diz que de comer preparara um cordeiro e que eu ficasse calada dos assuntos do dia, que não contasse a Meu migalhices tão tristes, principalmente não dissesse das ofensas que me fizeram as duas confiançadas, nem do encontro que eu tivera com Simeona a Burra, que quanto mais calada e mais terna, mais feliz eu faria o homem da casa, diga-lhe principalmente que tu mesma preparaste o cordeiro. Por quê? Porque lhe dará mais prazer. Por quê? Porque ao homem lhe apetece comer o que faz a própria mulher. Tinha as mãos cheias de pequenas flores amarelas, olhei-as como que perguntando para que serviriam, porque tão rente às flores é que lhes haviam amputado o comprido cabo,

me parecendo por isso inadequadas às jarras da casa, e Haiága adivinhando pôs-se de costas para mim e um tom de naturalidade pôs-se de costas para mim e se, à frase esta — para pôr ao redor do que se vai comer — como se fosse corriqueiro entre nós naquela casa enfeitar as comidas e tolo o meu perguntar, como se a cada dia ao redor de bandejas também o imensamente flor, então lhe respondi com algum cansamento: ah sim, como aqui se faz sempre. Virou-se, e vagarosa a meu encontro, dois passos distante de mim Matamoros sentada, Haiága os olhos voltados para o umbigo, depois os olhos levantados para o espaço da janela, para o cair da tarde, externou-se muito sóbria e pausada: à espera de um filho, minha filha, essa é a novidade. Se Haiága houvesse substituído a frase por um punhado enormíssimo de socos no meu inteiro corpo, eu não ficaria mais amolecida nem mais lívida, umas coisas vagarentas e pontudas caminharam pelas minhas tripas, meu sangue se fez mudo numa quietação muito de prenúncios minutos antes de mergulhar num correntoso mundo, num segundo a mente ausentou-se dali, vi a cara de Simeona perto das águas, à minha frente a franzida e pestilenta boca se movendo: mulher e cadela há de morrer e parir. Mulher-cadela, teria dito? Assim se entenderia a frase, sem a junção do E, por que, pergunto, onde haveria cadela igual àquela, a dois passos de mim, onde haveria, não, não cadelas, pois que sempre só foi ternura o que senti pelas cachorras velhas. Haiága não era cadela, imensamente prostitutíssima é o que era, e se há na cabeça das gentes o mesmo pensamento a respeito de mim, digo que ainda que me digam torpezas como as ditas por Biona e Ru-

fina, há em Matamoros qualidade, porque dei-me a mim pública, serpenteada e viva como a água se dá a toda gente, não tratei a carne como alguns tratam o ouro, às escondidas, como Haiága embuçada, que se deu pérfida, a vulva velha às escuras, água de mim foi ouro, ouro suposto de Haiága só pode ser água escura muito terrosa e pesada, e se o homem de mim bebeu dessa mulher a coisa parda, é homem-demônio não homem-deus, ah mãe prostitutíssima toda remoçante e cariciosa, queria eu agora ter ligaduras grandes na cara para não te ver assim parada longezinha de mim, listrando a minha visão de muitas cores, rubrecendo a tua antes azulada figura, porque se neste momento te sei tão nefanda e velhaca, nos imensos profundos de mim te pensava tão santificada, e levantei-me, as unhas comendo a carne de Haiága, então estás cheia, imunda, metendo em si o que pertence à filha, velha puta, mata-me antes que chegue o homem porque nele há de entrar uma faca de luz, iluminada de justiça alta, lá de cima, desvencilhou-se Haiága, uns atalhos de sangue pela cara, gritou escura: nunca toquei o homem e se estou cheia não foi homem de carne, foi desejo obrado do divino, juro-te que não toquei e grito como se o próprio encantado te gritasse, estufa-se no milagre minha velha barriga, estufam-se os peitos de leite, estou cheia mas limpa, homem nenhum a não ser aquele que te colocou em mim.

Avessos macabros tem esta mulher, pensei desapossada, trêmula, em seguidinha olhei-a e senti como se colocassem dentro da minha cabeça uma rútila, sábia, apaziguadora idéia, vinda talvez dos ecos da ala de Haiága. Me veio assim: avessos de menina,

pobre mãe, sofre de solidão como sofria Córdula velha, cachorra nossa antes de Gravina, as tetas cheias de leite, vômitos mas a barriga vazia, Córdula que na velhice lambia os filhotes de todas as cadelas da aldeia porque somente uma vez deu à luz a um cãozinho triste e amarelo, tão doente que o leite da mãe lhe saía sempre pelos pequenos buracos do nariz, depois de sete dias o muito pequenino faleceu e que trabalho o de escolher sua derradeira cova porque Córdula desenterrava o filho a cada dia, sofria de vazios a cadela, de desejos de possuir, mãe Haiága sofre a doença de Córdula, porque antes tinha-me a mim, Matamoros de nada mas tão sua, e agora fiz-me mulher adulta, tenho um dono, um homem, e o todo de dentro de Haiága ficou tão vazio que por conta própria cuidou de enchê-lo, enchê-lo de uns estufados ares ou coisa enfarinhada, químicas de seu corpo doente é que criaram esse suposto leite, ah Córdula mãezinha, se dos nossos desejos apenas, se fizessem vida tão grandes fantasias, então o mundo só teria reis e casas de ouro e homens como este aqui de casa que é de tão bela carne, e da boca só sairia o trigo e a pedra preciosa, não estás cheia, se te abrem a barriga há de ser uma ventania a levantar todas as nossas telhas, e sem querer me pus a rir, ri-me tão farta que Haiága me vendo a mim, e sem conhecer meu relato de dentro, ria e chorava, imaginando-me feliz e encantada de possuir quase a mãe de Jesus também por mãe, então meditei que não devia dizer o em mim ajustado, isto é, Córdula e velhice, Córdula e solidão de cadela e de mãe. Enorme piedadezinha me veio pela roliça e doente ancianidade de Haiága, toalhas muito fofas e molhadas

coloquei-lhe na cara, beijei-lhe as mãos, muitos per-
dões me saíram roucos, outros clarinhos junto ao
seu ouvido, disse-lhe a brincar: Haiága, há de ver
que lindo cabritinho há de sair dessa linda barri-
guinha

há de sair um homem, Maria, de beleza tão dulçuro-
sa como o filho

falas de quem, mãezinha?

de Meu, teu homem. Digo que o filho que trago na
barriga há de se parecer com ele, porque, não te eno-
jes, Maria, não me parece pecado desejar para os
nossos uma beleza alheia se a desejada nos parece
divina, desde o primeiro dia quando trouxeste à casa
essa abençoada maravilha, pensei: um filho com esta
cara, que mãe não desejaria?

e por que, mãezinha, não pensaste um filho de mi-
nha filha com esta cara?

também pensei, mas porque sou mãe, Maria, te vi
cheia de dor, enregelante é o que é, minha filha, a
hora de parir. Te lembras das romãs maduras? Do
gemido estalado que se escuta quando se quebra a
casca? E como vão gemendo quanto mais se abrin-
do? De como é difícil arrancar de dentro aqueles
grãos? De uma pele fina lá dentro, grudada àquela
dulçura? Pensa tudo isso acontecendo no teu sagra-
do meio. Parir devia ser sempre coisa da madurez,
penúltimo ato, porque depois de parir já se pode
morrer.

parir e morrer não é o mesmo

é dor, Maria, como tudo o que acontece nos aden-
tros. Não sentes então, numa soma final, que é mais
dor do que alegria o existir?

O falarar de Haiága me parecia doente, em nada

havia pausa, foi falando como se o acontecido fosse o simplesmente acontecer de uma naturalíssima tarde, discorreu sobre infortúnios e andanças de toda gente, estendi-me lassa, ela falava falava, e muito talintonia colocava coisas sobre a mesa, jarras de vinho, flores, pães, ia e vinha, e entre inúmeros conceitos sobre nascer viver morrer disse-me calma que seria de conveniência que eu Matamoros relatasse a Meu a condição de Haiága-mãe outra vez, que para Haiága se faria tão de acanhamento confessar a um homem essas esquisitices do Senhor, que de antemão sabia que Meu tinha finezas no perceber tais coisas vindas do Alto

pois não é que se torna difícil um contar de milagres? e escuta-me bem, Maria, diremos que os ferimentos foi culpa estouvada e minha, arranhei-me nos limoeiros, por puro semjeitismo é que estraguei assim a cara, e outra coisa, que mais ninguém nesta aldeia deste meu novo estado tome conhecimento, dois meses antes do filho nascer vou à casa de nossa prima Heredera, estás me ouvindo?

Sim, Haiága, e em mim, Matamoros, era como se os ares estivessem de névoa, havia névoa, .suspeição, doença, o que havia dentro daquela casa? Se alguém estivesse ali presente veria como eu, embaçados os ares? Embaçados? Mas via-se cara de Haiága, um brilhoso rosado, via-se na linha da boca um sentimento de amorosa mulher, boca de cantos carnudos levantados, boca de beleza, inteiriça machucada maravilhosa minha mãe Haiága, e até os pêssegos nos pessegueiros ao lado da varanda qualquer um veria, e vendo as coisas de limpidez ao mesmo tempo eu as via como se vê a terra nos dias calorentos, um tre-

mido impossível de tocar, turvação na transparência, fora tão pouco o vinho que eu bebera, essa embriaguez não era, uma outra condição de escutar e de ver, o que era? E era possível estar ali e ouvir a mãe dizer certezas tão descabidas, vê-la arrumar a mesa como em qualquer dia qualquer mãe verdadeiramente cheia, e saber que só os vazios de Haiága é que se pensavam cheios? Que dia de representações, pensei, que talento pareciam ter todos os desta terra para subir aos tablados altos e enganar as gentes, vi mulheres representando em tablados assim num longe dia de feira, nunca me agradei de fingidas situações, que dia de aborrecida alacridade, Simeona, Haiága, as duas mofosas Biona e Rufina de Deus, profecias, canções, insultos, e quando eu começava a revolver o passado do dia, Meu entra pela casa, contentamento se lhe via na cara, dois pequeninos porcos brancos um em cada braço, alguém passara oferecendo-os comprei com quase nada, vê que maciez, Maria, passa-lhes a mão, Haiága, mas o que tens na cara? fui colocar a palha ao redor da raiz de uns limoeiros e caí

caíste sobre os ramos? agachada colocando a palha?

que raro

emaranhei-me

e Maria onde estava?

nos trabalhos da casa

como te maltrataram o rosto, Haiága. Amanhã derrubo os limoeiros.

derrubá-los? Nunca, pois foi coisa de nada, imagine, se cada vez que me faço estouvada te aborreces, um dia derrubas a casa. Tu nem sabes como me ponho desatenta sempre que mexo com as coisas, não

é mesmo, filha?

Gravina farejou os porcos, mouca me fiz à pergunta de Haiága porque em mim uma friez de angústia se fez, me pareceu tão demasia o dizer de Meu, cortar os limoeiros porque Haiága feriu-se na cara? Então se soubesse que fui eu, a mim me mataria? O homem adentrou no corredor da casa para lavar-se. Fui ao quarto. Sentada sobre a cama meditei, de início na maneira de lhe dizer da doença de Haiága, se eu tinha quase certeza da fantasia florida que à mãe lhe subira à cabeça e lhe descera à barriga, num pequeno desvão de mim mesma, num escuro redondo, um trescalar umidoso de ferida. Pois bem, hei de ser inteira atenção, hei de falar olhando-o na cara. Vê-se mais nos olhos ou na boca mentira e verdade? Também as mãos às vezes têm movimentos tênues de revelação, um fechar-se rápido, delicado, côncavo guardando um minúsculo achado, e há gestos gratuitos quando se quer cobrir um espaço de tempo, passamos uma das mãos na cabeça, contornamos lentamente o desenho da sobrancelha, e há passos igualmente sem destino, um buscar impreciso, e amolecida fala desfazendo a ponte empedrada de muita ansiedade. Santos meus, então seria preciso olhá-lo todo? Olhá-lo era senti-lo, sentindo-o sentiria o mundo do meu corpo, e até onde poderia ser atenta se só de sabê-lo a sós comigo me vinha um desfalecimento, um langor, um deixar-me tocar quebradiço e dormemente como se deixam tocar as ramas-dormideiras? Como poderia ser atenta e escavar torpezas num homem que ainda que não me tocasse, só de ficar justo em pé à minha frente, olhando-me, me derrubaria de vertigem e de santa beleza? Dialogar com

ele os cotidianos me parecia um desastroso roteiro, nos ocos da minha cabeça só sabia de seu hálito, de seu adorável corpo, escavada inteira e preenchida de outro estava eu, me parecendo em muitos momentos um estar em pecado esse sentir gozoso, pois crispção de sentidos tão aguda e demente só se deveria sentir em relação a Deus, estão a ver que minha alma guardava os remotos ensinamentos colados à minha raça, eu não amava como uma qualquer, mesmo que aparentasse ser qualquer uma, de conhecimento cravado nos meus fundos e posto pela mão de Deus sabia que amava conhecendo, mas às vezes escavamos poços tão profundos, de água tão gelatinosa, que nos vem um medo de tal poço e de tal conhecer, ainda mais no fundo um presente culposo embrulhado em adagas, um fascinante e fatal sorvedouro se o desembulhamos. E desembulhá-lo para que? Vícios do pensamento, vamos indo para ver se conseguimos retardar o momento de ajustes, alguns minutos a mais do meu homem lavando-se e eu posso esquecer o pesquisá-lo todo, direi apenas que Haiága pensa que está cheia, e juntos vamos rir, e posso até dizer: como é possível à mãe sentir-se cheia se esse tolo pensamento pode torná-la quando muito, muito cheia sim, mas de si? Volteio a serpente dourada, ela está lá para ser vista, não para ser pesquisada com pensamentos de dissecação e de conquista, falo de minha própria víbora, tem olhos cerrados mas muita mobilidade nos extremos da cauda, tateia meu coração e procura nas veias uma escama que se soltou de seu corpo, feita de sangue pisado, Matamoros quer limpar seu músculo agudo outra vez, acalma-te pequenina, fica tranqüila ao lado da minha carne,

ajusta teu corpo ao meu sangue que quero cor de
rosa, esquece meu pesado líquido encarnado, esquece-
-te a ti mesma, afunda-te, ainda que eu saiba que um
veneno que inventamos sempre tem fome e não des-
cansa se não for usado, que seria melhor disciplinar-
-me e meditar na idéia de um futuro paraíso do que
pensar dar de comer a um falso paraíso aqui da Terra
disso sei eu, enquanto vou dizendo a víbora se in-
quieta, sabe que sem meu comando nunca poderá
mostrar sua qualidade de guerra, inquieta a minha
serpente, mas cadenciado agora e dono de si mesmo
o coração, soergo a minha cabeça e digo ao homem
lavado que chegou ao quarto
sabes que Haiága pensa que está cheia?

Puxou-me para si, tinha as mãos frias, da água, do
espanto, de possível culpa, não o soube, a boca pre-
ciosa roçava-me a nuca, e as palavras saíam-lhe muito
baixas

esquece as fantasias de Haiága, abraça-me, as mães
de todos sonham muitas loucuras

As mãos afagaram-me as costas, as nádegas, compri-
miu-se inteiro contra o meu corpo, levantou-me as
saias, me pôs colada à parede, veneno na minha
boca fez com que lhe expulsasse um nome: Tadeus.
Rígido e antecipado no gozo e no suor grosso nem
sei se me ouviu, nem pude saber se rigidez suor e
gozo se fizeram por lhe ter chamado aquele nome ou
por delícia de corpo, se havia nome dado por outro,
eu Matamoros não quis repetir, Tadeus de outro,
Meu de mim, homem de Haiága, os três num só
olhando-me agora um segundo de vigilantíssima si-
sudez, seguido de um outro segundo de pergunta e
sorriso

há um cordeiro na casa? senti-lhe o cheiro.
Tirando as saias, embrulhada num manto, parei ao lado da porta antes de seguir para lavar-me, a fala amoldada no de sempre cotidiano, (dom de Meu e de Haiága) respondi-lhe que a mãe comemorava os seus vazios cheios, que o vinho estava na mesa, as flores na jarra e ao redor do cordeiro, que ele, Meu, bebesse vagaroso até que minha presença se fizesse, vagaroso, repeti, sem afoites, porque parece que há demasiada correria e engolimentos de tempo, hoje, nesta casa, e saí nuns passos muito lentos e premeditados, um lado do meu corpo amparando-se na aspereza dos cantos, paredes, a víbora de dentro repensando aquele ato de amor de diferença tanta de outros atos com o mesmo peso do nome, perdição mas leveza tinham os outros, fúria e dissimulação este recente ato de dor, tomara-me como se toma a criada da casa, ou como se faz engolir à criança o remédio para que suspenda o choro, à força se cale, tomara-me como um homem que não quer ouvir, a cabeça afundada na raiz da nuca de Matamoros, afundada para que eu não lhe visse a cara, e que frase velada — “as mães de todos sonham muitas loucuras” — o que há de querer isso dizer? E que dor me deu de se adentrar em mim sem o cuidado de espaçosa carícia, ele, que às noites sempre me lavava o corpo com a sua língua, que tanto se demorava em cada arrepio de carne, que estranheza de gozo, que avêso de corpo, por isso é que me saiu à boca a fatalidade do outro nome, meu não parecia o homem, sombra de outro? De contorsões vazias de alma, dessa forma, é que possuía minha mãe Haiága? Ah, como se faz em nós um contraditório mover-se de

felicidade e fadiga, como convivem flores e aranhas, alimentos e tripa, coalescentes coisas desiguais, esconsas, que coita ter um pensar, um sacro emaranhado que não pára de ter idéias, de querer formar dentro da cabeça um quadro, coloridas pedras que não se procuram pela aparência externa, antes por um invisível fio de feltro, enrolado mínimo, por um ponto de lápis lá no centro desses que se procuram e não é que se encontram? Como posso sabendo, pensar que não sei? E sabendo, querer no fundo me desvencilhar desse conhecimento? Uma hora me sei no cotovelo do mundo, despencando, e outra hora me sinto acolchoada dentro de alguma barriga, um segundo vejo o homem e mãe molhados numa luta morbosa, obscenidade e excitação singular da velhice de Haiága que assim se apraz de ser à parede montada, e meu homem em fráguas adorando sórdidas singularidades, cansado deve estar de me possuir deitada, tem na cabeça mais pedras coloridas do que os estilhaços de um arco-íris, se é tão belo deve ter tido não sei quantas mulheres, ah, por que não pensei nisso? Me pensando sempre muito mulher com os tolos da aldeia, esqueci-me do que um homem pode ter tido em outras terras, em cidades, ai, viciosas, velhacas e finas essas bandalhas mulheres, e ele de carne, úmido de orvalho, tão recente, tão novo, muito bonitíssimo, sem bem-querer miúdo, totalissimamente agrandado de corpo e de semente, que vocativos longos e pesados devem ter gritado ao seu ouvido, que lagos de sentimento devem ter sentido essas de vadiaria, de dengues e aconchegos, deitadas embaixo do meu homem, que novidades lhe ensinaram, muitas decerto, e Meu tem medo talvez de usá-las em Mata-

moros porque ela lhe perguntaria de onde essas novidades, tem medo quem sabe de ofender meu pensamento de moça, e reserva carícias paramentadas, lúbricas, para a velhice de Haiága, a brusquidão na parede foi apenas confeito, pigarro antes do discurso inteiro, há de enfiar-se em Haiága em todos os seus Haiága-velhos buracos, começo a sentir o galope da minha música, cascos rompendo um linho de teia, cada um de nós tem a sua diletta melodia, de Haiága aquele ir e vir de vaga e de garganta de antiqualha, sabe abrir-se e fechar-se, lentidão de sanfona, rapidez de fole, a música do seu corpo, da sua fala, do seu caminhar deixa um rastro nos ares de sigilo e pergunta, nunca se sabe até onde o último somido, pensamos agora vai terminar, último acorde, e atrás de nós outra vez os pisados de lebre, roçar leve nos capins, agora mais apressado mais duro, perguntamos cantaste? Ela responderia: lá dentro sim. E a música continua nos olhos, no ficar parada, no encostar-se à janela, aspirando que cheiros lá de fora? A minha própria melodia tão crua, sem enfeites, parece menos formosa porque sempre se espraia na claridade do dia, o galope é à luz, o cavalo do corpo banha-se nas águas frente a todos, Matamoros-cavalo, relincho puro de amor, malgastado porque o escutar se faz em ouvidos velhos, velhice de corpo muito conspurcado ou velhice de alma em corpo novo, um corpo de Haiága, outro corpo de Meu, dos dois devo ter miniaturas de sangue e de saliva senão não estaria a eles tão ligada. E a música de Meu, sua inteira pessoa me faz pensar naqueles salmos santos de muita gravidade, há profanos acordes, fazes bem em lembrar-te Matamoros, mas são raros,

a maior parte do tempo seu corpo é um grande instrumento que ainda não foi pensado pelos homens mas capaz de produzir os sons do oco, som de duas mãos unidas mas vazias, lá dentro a vida tem um canto-pulsação que ouvido nenhum ouviu, nem nunca o meu, mas sei que existe porque assim me diz minha alma antiga, perpetuidade do dia nos andares de Meu, e também lua nos passos e um duplo sol de fogo e de frescor, música do adorado envolvendo de lustros o meu corpo-cavalo, cavalo de Maria mergulhado em duas fontes, fonte de Haiága, do amante, ai que corda nos amarrou aos três à mesma casa? Que boca há de querer cantar canção de loucos? E chego à mesa sentindo antecipada o sabor do mosto na minha boca, vou sorrir e esquecer-me de canções malditas e de águas, quero beber como se a noite fosse a minha e não a de Haiága, mas entendam, um filho ainda não quero ter, há demasia de amor em mim, mas amor de mulher, nem sombra de pontilhado do querer de mãe, minha noite não será a de pretensas-fecundas comemorações, filho algum, filho não nesta noite que há de ser de felicidade para os três, hei de mostrar-me complacente com o delírio de Haiága pois filha que sou devo entender a mãe doente, hei de mostrar-me de arroubamentos de alma para o homem, mas bondade pura vou ter é comigo mesma, gozar boniteza de um, maternidade de cabeça de outra, e muito alongar o desejo ao lado do homem, hei de ser paciente mas paciente gozosa a meu favor, temo que se enternecem e comam em tanta lentidão esse cordeiro, que muito antes de chegar à cama hei de molhar-me toda, não importa, de qualquer forma hei de ajustar-me ao tempo de suspei-

tas, quero dizer melhor, hei de abrandar a sombra dessa dália negra sobre a casa, peço ao Senhor: livra-me de mim, de Matamoros crivada de perguntas, dá-me outra vez o homem, que olhares, sorrisos, por muito singulares que pareçam, se assemelhem a olhares e risos do sempre cotidiano, que o toque de Meu nos ferimentos de Haiága neste instante, me saiba à caridade, à perfeita delicadeza, os atos, cada um de espessura rutilante, os atos, hei de esvaziá-los das escamas de luz, colocá-los à sombra, respingá-los de um torpor sem mágoa, Matamoros sem sangue há de ser a princesa da rainha, então que o rei nos tome se quiser, mas que o meu bocado se faça muito meu no quarto, não cederei a ninguém a fúria da minha intimidade, furiosos também os dois se façam sem os meus olhos a postos, atrapalha-me muito pensar na mãe deitada com a vida da filha, mas mais me atrapalharia ver-lhes o fornicar, e cheia de vinho brindo esta secreta proposição de embriaguez, que seja selada para sempre

felicidade, mãe, para nós três
quatro, com este da barriga
amor e vida pela eternidade

Se a baba de Deus envolvesse de veladura a casa cobrindo de maciez o agudo dos espinhos, eu não diria tão certa que nesta hora o mais perfeito se fez, filha que não soube ser tornei-me, beijei Haiága, de livre felicidade chorei, o homem olhou as mulheres como se abraçasse, um apertar de nuvem, um prender de fios de uma nova matéria, que abraço de almas assim nos rodeava, que música deveria ser cantada, letargiante, e ao mesmo tempo nua de carne, música de espuma? E cantaram os dois para

Maria, umas modulações brandas, gargalo de cântaros, ondas espaçadas, águas gordas crescendo em volume e depois descansando no corpo do mar, mãe E Meu afinados, companheiros de onde? Cantar de quando? De vidas passadas? Do ontem? Olho de Matamoros olhando-os novo, matizes encharcados de um laranja de doçura, licoroso, febril, anel de ouro fechando-nos num tempo sem nome, um lugar dos longes, desses dois à minha frente gorgendo vi-me filha, Matamoros Maria, filha de Haiága e de Meu, deita-se Maria com o pai que ao mesmo tempo é de Haiága marido-rei, ato fenomenoso esse de se deitar com quem nos fez, a cara do homem mais endurecida, idéia-cara de um primeiro rei, resplandescente, solene, amante-pai numa noite de sempre, eu Maria em volúpia cerimoniosa abrindo-me sagrada para o pai, ato enxugado de palavras mas escuro de gozo, de suspiros, de um arfar em cadência, grosso, o vigor desse possível se fazendo Idéia, Idéia sussurrosa muito real agora: o homem-rei, as mulheres-rainhas, verdade-realeza de uma casa, de nós três, de quatro porque assim o deseja a cabeça de mãe-Haiága por mim coroada, verdade-invento que me fez amante nova e mais gemente nessa noite, toquei-lhe como se tocasse medrosa a pele do cardo, como tocamos os frutos que encontramos na praia, figos-fruto espinhosos, finíssimas agulhas, pensar em apanhá-lo é contornar um todo de aparência quietoso mas em cólera, estender a mão é valentia rara, arrancá-lo é estória de heroicidade que contamos às crianças, mentimos só para lhes ver as caras, mas não é que de repente uma criança o arranca e o come? Matamoros-criança melada de Meu, saboreando um

pai que tirou de sua própria cabeça, construindo uma nova armadura para suportar manhãs madrugadas e noites. Como se entendesse o meu papel e pesquisasse demorado o seu, colocou-me ao colo e demorou-se nuns afagos largos e muito licenciosos, olhava ao redor do quarto, às vezes vigiava a porta como se temesse de Haiága a entrada, a garganta fingia um canto pequenino de ninar entrecortado de palavras baixas, rápidas, pedindo que me abrisse mais, ia me abrindo escorrida de gozo, um riacho nas coxas, devagar ele dizia, quieta, sem gritar dizia, vestidos os dois como se aquele instante fosse roubado ao meio do dia e logo mais tivéssemos que nos apresentar frente à rainha, como pôde saber tão sabiamente o seu papel de rei-pai desejoso da filha, se apenas na minha cabeça é que havia esse muito obsceno colocar? Obsceno, Maria? Os nomes carregados de susto, falei obsceno e obsceno não era, que coisa é que fizeram às palavras, que coisa às gentes, grudaram-se à língua e aos nossos costados letras e culpas, que coisa quer dizer isso de se sentir em desejo e culpada? Se pude inventar essa estória do rei e ter parceria madura para concretizá-la, alguma coisa em mim sabe outra coisa que não sei, talvez porque Matamoros dormindo não sonhasse, e somente no dia a dia daquilo que os homens chamam de realidade, fosse possível transformar em verdade o que seria apropriado à fantasia da noite, Matamoros dos sonhos esquecida, vê-se tomada de sonhos no muito denominado concreto da vida, e o que vem a ser isso de sonho e verdade?



“Hilda Hilst é, seguramente, um dos nossos escritores mais verticais e seguros.”

Gilberto Mansur

“A obra mais audaz realizada no país, depois de Guimarães Rosa.”

Leo Gilson Ribeiro

“É raro encontrar no Brasil e no mundo escritores, ainda mais neste tempo de especializações, que experimentam cultivar os três gêneros fundamentais de literatura

— a poesia lírica, a dramaturgia, e a prosa narrativa — alcançando resultados notáveis nos três campos. A este grupo pequeno pertence Hilda Hilst.”

Anatol Rosenfeld

“Poeta, dramaturga e ficcionista de extraordinários recursos, a escritora paulista Hilda Hilst é dos raros que trilham caminhos de uma complexidade criadora difícil de encontrar semelhantes.”

Nelly Novaes Coelho



CULTURA